

Ainda há mais por saber sobre Mondlane

— Afirma o Dr. Alexandrino José

Por R. Bié e E. Salema

Sobre a vida e obras de Eduardo Mondlane, o historiador moçambicano, Alexandrino José tem uma opinião: "a Fundação deu os primeiros passos, mas é preciso que no campo científico se façam esforços de modo que as fontes ainda vivas sejam recuperadas com o propósito de levar ao conhecimento da sociedade moçambicana tudo o que existe do espólio de Mondlane. O Dr. Alexandrino teceu estas considerações em entrevista ao SAVANA. De seguida o teor da conversa.

Dr. Alexandrino: qual é a leitura que faz da imagem e figura de Eduardo Mondlane?

"Devo dizer que a impressão que tínhamos sobre Eduardo Mondlane não era suficiente. Com esta iniciativa da Fundação ficou claro que ainda há muito por saber

acerca da obra e vida de Eduardo Mondlane. A título de exemplo, eu nunca soube antes que Mondlane tinha se encontrado com Nelson Mandela. É uma descoberta para mim. Estou contente porque o País está a assumir que é necessário conhecê-lo ainda mais, o campo político está a libertar fontes e cabenos a nós, no campo científico fazemos todos os esforços para ver se as fontes, os dados sobre Mondlane sejam recuperados rapidamente. Também me sinto feliz porque o desafio que a família Mondlane está a fazer é extremamente importante. É a primeira organização civil de Moçambique que vai pegar numa figura de referência histórica não só nacional como de África assim como do mundo para levar ao conhecimento da sociedade moçambicana. Parecia que estávamos a caminhar num mar alto, num mar tumultuoso e com dificuldades de ver o caninho para chegar a bom porto, e esta iniciativa pode ser valiosa na medida em que os moçambicanos podem produzir outros homens de valor, outros homens históricos, outros animais políticos da estatura de Mondlane, da estatura de Mandela, da estatura de Kaunda, de Nyerere, que marcaram de facto uma época de que a África, em particular a África Austral se pode orgulhar.

No ano passado, assistiu-se à confinação da figura de Mondlane, a um partido e não a uma dimensão nacional. Qual é o seu comentário?



O espólio de Mondlane é vasto

"Bem, o campo político tem a sua forma de actuar, tem as suas estratégias de modo a impressionar e a calivar a sua base política social. A problemática que se levanta, muitas vezes não relevante mas necessária em relação ao que se disputa naquele momento. Agora, o que está a acontecer com a institucionalização de uma organização civil vai permitir que as agendas e os debates sobre Mondlane modifiquem totalmente. Mondlane, como se disse, é uma figura de todos, é uma figura complexa que tem que ser explorada e tem que ser a referência de todos nós como moçambicanos. Neste momento, o campo político é que tinha o monopólio e o privilégio de dizer e como dizer, em que momento dizer sobre Mondlane. Hoje, abre-se a perspectiva para que a sociedade civil possa

também contribuir e alargar o conhecimento de Mondlane onde ele é necessário.

Mondlane tinha uma perspectiva que era libertar o homem africano. Acha que os ideais deste grande líder estão a ser cumpridos?

É muito difícil responder a esta pergunta. Não obstante sinto que há um esforço no sentido de se cumprir. Mas é preciso notar que estamos a viver numa outra era. A era do neo-liberalismo, que se tornou hegemónico em todo o mundo, num mundo que se tornou unipolar sob direcção dos Estados Unidos e com a complexidade da Europa. Mondlane não viveu estes problemas. Os líderes africanos actuais estão a enfrentar este novo desafio.





Mas, o que há a fazer com Mondlane, é estudá-lo e compreendê-lo e ver aquilo que ele tem de referência que ultrapassa todos os sistemas históricos. Há aspectos de Mondlane que vão permanecer e perdurar, é isto que temos que oferecer à sociedade, é isto que a sociedade tem que saber. É preciso que as pessoas se preocupem em saber quem é Mondlane, aquele combatente, aquele homem que se bateu pelos valores nobres da humanidade: democracia, independência, liberdade. É aqui onde devemos insistir. Mas tem que se observar que o campo político isola aquilo que é importante.

Mondlane ouvia e sabia ouvir e respeitava toda a gente, de modo que é suspeito que alguém queira falar de Eduardo Mondlane e ao mesmo tempo não consiga concretizar a postura de Mondlane. Não é fácil. Mas eu acho que o que a sociedade civil tem que desconcentrar Mondlane do animal político para tomar a complexidade do seu ser, como homem de cultura, homem da sociedade, como estadista e como cidadão. Neste momento Mondlane é seguido e promovido como político. Ele é muito mais do que isso.

Em Outubro do ano passado, o Dr. Alexandrino José disse que há umas figuras políticas que tentam especular sobre figuras nacionais, sem nenhuma base científica, como Mondlane, Samora Machel. O que diz disto?

"Eu não diria que as pessoas especulam sem uma base científica. Eu disse que os dados que nós temos não são suficientes para fazer certas extrapolações. É necessário fazermos uma afirmação e termos a sustentação da base factual que ilustra essa nossa posição. O campo político é lugar de construção de crenças e que o que os políticos fazem é construir crenças, promover e tomar posições no campo político. Agora eu, como homem do campo científico, devo defender que não devemos preocupar muito com as construções dos políticos. Devemos preocuparmo-nos em procurar as fontes e saber fazer crítica a essas fontes, saber se elas são verdadeiras ou se elas exprimem a construção do pensamento que se está a fazer. Um político qualquer, quando conseguir convencer a população de que a Frelimo está a marginalizar Mondlane, então a população vai julgar que este político da oposição compreende e sabe. Acontece que muitas vezes não tem nenhuma. O espólio documental de Mondlane está todo ele ainda por abrir. A exposição sobre a vida de Mondlane é um exemplo evidente disso. Há fotografias que muita gente nunca tinha visto que marcam etapas de conhecimento que é preciso enquadrar. Mondlane tem em depósito conhecido cerca de sete mil cartas e não conhecendo estas cartas é difícil fazer pronunciamentos ajudados sobre Mondlane".

Grandes líderes africa-

nos tinham o sonho de libertar África. As independências foram ganhas e parece que chegaram numa altura em que os africanos não estavam prontos para gerir os seus destinos. África, por isso mesmo, continua amarrada ao neo-colonialismo.

"O desafio deles foi correto, pensar em libertar o con-

fundamental. É preciso armar o africano com conhecimentos que lhe permitam fazer uma visão crítica. Falta uma visão crítica nas pessoas. Se formos a ver, a juventude, das cidades está mais virada em assimilar os modernismos euro-americanos e não faz grade crítica disso, porque é moda. Pensa-se erradamente que o que é euro-

possível termos uma proposta sobre como viver bem e melhor. O homem não deve viver para se suicidar psicologicamente.

Um dos grandes problemas dos líderes africanos é pensarem que abdicar do poder é o cúmulo. Não acha que este é um dos grandes problemas que África enfrenta hoje?



Mondlane, essa figura politicamente disputada

tinente. Pensar em libertação é uma permanência da história. É isto que nós como pretendentes a herdeiros destes valores, destes grandes líderes, destes grandes animais políticos, temos que aprender e assimilar. Quem é que vai suceder a Mondlane, em termos de geração africana? Quem é que sucede a Kaunda, Samora, Nkruman, Nyerere. É preciso estarmos preparados para termos outras figuras históricas de libertação do continente e que sejam também o orgulho. O Mandela, por exemplo não se vai repetir em mais ninguém, o Mondlane não se vai repetir em mais ninguém, mas temos que nos organizar como sociedade de modo a provocar a aparição de homens esclarecidos. Para isso, a tarefa número um é a educação. Temos a cultura em segundo lugar. A tarefa número três é sabermos ser animais críticos da nossa história.

Até que ponto os Ideais de Mondlane têm espaço nos nossos dias?

É preciso apreender a herança destes homens sob o ponto de vista histórico. Não temos que emitá-los e continuá-los. É preciso apreender o que eles fizeram e sabermos em que contexto de combate nós estamos hoje. Caiu o socialismo, existe uma superpotência hegemónica, os Estados Unidos, existe a Europa unida que tem as suas pretensões geo-estratégicas. Então, o que nós temos que ter, é gente que saiba posicionar-se em relação àquilo que é nobre para o continente negro. O que é nobre para África? A liberdade, a igualdade, o desenvolvimento e a paz. Temos que produzir homens que possam parar as guerras em África, homens e mulheres que deverão gerar o desenvolvimento de África.

É preciso estudar primeiro. O desafio do ensino é

peu e americano é bom, e o africano é mau. Temos que ter um ensino que ajuda as pessoas a dizer que não. Nem tudo que existe na Europa é bom. O exemplo disso são os sintomas do meio ambiente. Nós em África, com este nosso atraso, é

"Esse é exactamente um dos grandes problemas de África. Nós não temos estruturado como é que devemos governar. O que estamos a fazer em África é tentar legitimar regimes pré-capitalistas, segundo os quais, chefe é chefe até mor-

rer. Também queremos forçar a rotatividade de governos, enquanto não prepararmos a nossa base social para compreendermos como é que se faz o poder. Será que África não pode parar um momento e reflectir? Quando continuamos a saber melhor a história da Europa do que a nossa isso é sinal de que algo está errado. Não podemos exercer o poder da crítica enquanto o que sabemos é basicamente europeu. Podemos saber da Eurora, mas antes temos que saber bem de nós mesmos. Só assim é que podemos construir uma nova África".

Partilha da ideia segundo a qual a OUA só existe em termos folclóricos?

"Eu não partilho desta opinião. Acho que a OUA existe, ela foi combatida no interior dos nossos países. É preciso criticar as estruturas da OUA. Todas as estruturas nascem e envelhecem. Temos que ter presente que a OUA é necessária e deveria ser concebida de uma maneira inovadora para levar avante o projecto de unidade africana. Temos que começar das regiões a perceber o que é África para compreendermos a OUA. A OUA não é folclórica. Temos que saber o que é que impede a OUA de desenvolver o seu papel histórico.

É preciso saber o que é que impede estas organizações intercontinentais de desempenhar com eficácia, o papel histórico que lhes foi atribuído. Nós em África carecemos de reflexão. Estamos a reflectir muito

mais com materiais produzidos por nossos companheiros do Ocidente e há pouca oportunidade de reflectir a partir de África".

Dados os problemas de que enferma o continente, conflitos, guerras, Sida, calamidades naturais, como é que o DR. Alexandrino vê o futuro do continente?

"Em relação ao problema do sida, é de dizer que o problema é universal e é aí onde o mundo tem que se encontrar. O sida não está para o africano apenas, é um problema que a humanidade enfrenta e é preciso assumir certos desafios em relação a esta questão. Já não é sobre aquele ponto de vista do velho barbudo, Karl Marx, que dizia, proletários de todo o mundo uní-vos. A unidade do mundo aqui é uma urgência para salvar o mundo.

Agora as independências de África. África teve independências de várias maneiras, com vários conteúdos, várias estratégias e a Europa apercebeu-se que era preciso "reacantonar" África através de comunidades linguísticas, as francofonias, anglofonias, lusofonias, e a divisão internacional do trabalho manteve-se. Cabe aos africanos saber como fazer a ruptura com isto. Se nós não fizermos isto, vamos continuar a pensar que a independência não era necessária.

É necessária, era inevitável. O desafio é desencadear todo um processo de luta pela estratégia económico-cultural. ■